ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43 — *LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 1903* | *NUMERO 1*

VISITA DE SUA MAGESTADE A RAINHA SR.ª D. AMELIA AO SANATORIO DE CARCAVELLOS EM 22 D'OUTUBRO ULTIMO. A DISTRIBUIÇÃO DE BRINQUEDOS ÁS CRIANÇAS EM TRATAMENTO NO MESMO SANATORIO

CHRONICA

A revista da Revista

O Ancestral Augusto, feito d'immaterialidade e de gloria, ordenou certa vez a um astro, eterno gerador de luz, victorioso e fixo, que se apagasse por momentos, pois, na treva, o Ancestral queria operar. E o astro, chocado na sua dignidade de soberano e de clarificador d'outros astros, chorou uma lagrima caldeada, que veiu veloz e brilhante, com estrondo e com desespero, rodar no cahos. Assim se formou a terra, por um capricho do Ancestral Augusto, que na tarefa levou seis dias e ao setimo descançou.

Então, fosse como fosse, o homem appareceu, d'elle sahiu a mulher, sua companheira, que, ao vêr-se nas aguas mais bella do que o vigoroso Adão, mais fina, mais gracil, com pellos sedosos, emquanto os d'elle eram crespos, se tornou vaidosa e lhe gerou ciumes.

Ella, com o seu andar requebrado e com o seu riso, ia vêr-se sempre n'essas aguas onde assomavam flôres formando a moldura ao primeiro espelho inventado pelo instincto feminino.

Andava em sobresalto o coração do primeiro homem, que devia ter manhas de fauno e a sua força; entrava a aprender rugidos com os leões nos bosques para a intimidar á noite na caverna, moia-se com o primeiro dissabor d'alma e conjugal, calcando com as venerandas plantas a terra que era sua. E na furia de saber o que ella amava tanto n'essa ribeira clara, ensaiava com o tigre o passo miudo, com a serpente o rastejar, com a raposa a espertesa, cerrava as palpebras pelludas a occultar os olhos redondos e luminosos e deixava-se ficar a scismar na sombra d'um mattagal de boabs gigantescos, vaidosos e audazes, que cresciam para o retiro do Ancestral Augusto, como para o verem de perto.

Era n'um dia, d'esses primeiros dias do mundo, e o sol vingativo resplandecia e incendiava, mandava as suas gottas de luz á terra como para a abrazar, para a destruir, jurando nunca mais chorar, após a obra de vindicta, para que outro planeta não nascesse. Ainda, ás vezes, elle manda a outros que tentem a tarefa. São seus agentes os aerolithos, as chuvas de fogo, os raios e os conquistadores.

Meditava pois Adão, na calma, a aparar com os dentes, agudos e em lança, um pedaço de certa arvore rija de que faria uma arma, a mais rude, mas a unica necessaria n'esses primeiros dias do mundo, quando ainda não havia exercitos e só feras.

Mas, de repente, erguia-se e ia cautelloso e encolhido, em passos miudos, velhaco e curioso, por entre a herva tão alta como as arvores de hoje, espreitar a Eva, que devia estar junto ao rio a mirarse nas aguas, embevecida, admirada e cabelluda, aprendendo o primeiro olhar falso para ludibriar o marido á noite no aconchego da rocha.

Elle viu-a, deixou-a continuar e encolheu-se; mirrou-se mal reparando n'um pachyderme colossal e branco, d'olhos obliquos, que passava lento, foi a rastejar, tremendo de commoção, com a sua arma ageitada, a surprehender a mulher.

Viu-a nua e grande, sã, de mamillos fartos e tranças fulvas, gloriosa, a ser queimada na luz forte do sol, que escachava os fructos e seccava os riachos.

Comprehendeu tudo, o pobre Adão, surprehendeu-a a olhar-se nas aguas... Queria enganal-o!... Então, abafou um grito, pôz a descoberto a dentadura solida, ao arreganhar as maxillas duras e ferozes.

E' que o corpo d'Eva, fino, branco e são, os mamillos rijos e as pernas nervosas, tudo isso se desenhava no chão, na terra, n'uma miragem, n'um prolongamento. Era a sombra que se alongava! Veiu então uma ideia ao primeiro homem de tomar a outra, essa sombra, de a guardar para si no fundo da caverna, sem lhe mostrar os rios que geravam a vaidade e as flôres que excitavam a espalharem perfumes.

Ao cerebro pêrro d'Adão acudiu um desejo: o de fazer por sua vez uma mulher.

Mais cautelloso do que nunca, avançou, com a sua arma, contornou bem a Sombra que se desenhava na terra, vincou-a fundo, não lhe perdeu uma linha, arredondou-a no traço que se chapava na terra: fez um perfil e fez uma obra.

Riu, riu então, n'uma gargalhada grossa, que imitava berros de chacaes. Ella voltou-se, lançou-lhe o olhar falso que ensaiara nas aguas; porém Adão, levando o indicador forte á palpebra inferior, dilatando o olho, maganão e sarcastico, mostrou-lhe o seu trabalho.

Era outra, era a nova companheira que elle escolhera.

Eva fugiu aterrorisada e a sombra acompanhou-a como um inimigo fero em caçada de morte. O primeiro homem olhava o solo barrento onde conseguira contornar o perfil da companheira...

Viu então a inutilidade da obra. Aquillo não teria vida... Mas creara o primeiro desenho, reproduzira a primeira imagem, na primeira camada da terra!

Sabe-se que n'essa noute, elle a abraçou mais na caverna; ouviram-se rugidos e beijos que eram mordeduras, as feras approximaram-se como a saudarem esse noivado de reconciliação, e o vento, passando nos cannaviaes, formava a primeira musica.

D'ahi por nove mezes nascia Caim, o peccador... Era o filho de um olhar falso aprendido n'um rio onde os crocodilos viviam e d'uma colera rude, a colera do primeiro homem ao vêr-se incapaz de egualar Deus formando um ser na argilla molle, moldando-o e recortando-o no perfil, na sombra da primeira mulher!

E, por isso, Caim teve a inveja e teve a perfidia!...

*

Mas o que Adão julgara uma inutilidade, essa sombra seguida com a ponta de um aguçado madeiro e que ficara gravada na argilla paradisiaca, não o foi!

O desenho tornou-se uma arte pelos tempos fóra, reproduziu tudo, applicou-se a tudo, ao jornal e ao livro, por fim á revista que veiu completar o periodico.

Por isso o *Seculo*, que sempre tem desenvolvido em Portugal a arte e o gosto, sentiu a necessidade de se completar com a *Illustração*, n'um largo trabalho, cujo fim é o mais bello e o mais util.

A arte de hoje, manifestamente superior, tudo alcança e tudo reproduz, com ella se fabrica o album das grandes festas e dos casos triviaes, que irão aproveitar tanto aos homens de hoje como ás gerações vindouras.

No Paraizo, Adão, creando o primeiro desenho, mal podia adivinhar o futuro d'elle, d'esse traçado que iniciou a arte pela qual se mostram os povos em todas as suas manifestações, na guerra como na paz, se mostram os homens na faina como no descanço, o rostosinho gaiato de Yvette Guilbert, como os carrancudos focinhos de Bismarck, indicando as successivas marchas d'esse mundo, formado pela lagrima caldeada do astro ás ordens do Ancestral, o unico que não se pode reproduzir, porque, vivendo tanto nos espaços como na terra, tanto nas aguas como no fogo, é immaterial mas forte, o Ancestral que tudo anima, o Espirito que é o motor de todas as revelações, de todas as grandes obras!

Rocha Martins.

QUELIMANE.—RUA DE S. DOMINGOS

O PRINCIPE HOHENLOHE NA MADEIRA — O PRINCIPE E OS SEUS CONVIVAS DO LUNCH EM CASA DO VISCONDE DE CACONGO

1.º, Capitão Von Blottaitz.—2.º, D. Alice Leitão.—3.º, madame Pannevitz.—4.º, miss B. Frankel—5.º, dr. Hoffmann.—6.º, o sr. M. Gonçalves.—7.º, Alvaro Leitão.—8.º, dr. Antonio de Lencastre.—9.º, prof. Pannevitz.—10.º, viscondessa de Cacongo e sobrinha.—11.º, comm. Pedro Leitão.—12.º, Oscar Reditz.—13.º, José Ribeiro da Cunha.—14.º, S. A. o principe de Hohenlohe.—15.º, prof. Frankel.—16.º, visconde de Cacongo.—17.º, miss Fr. M. Frankel.

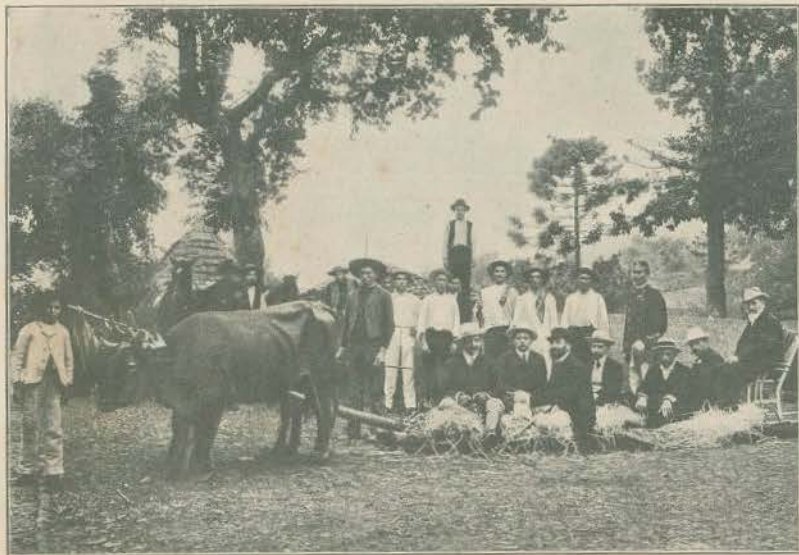
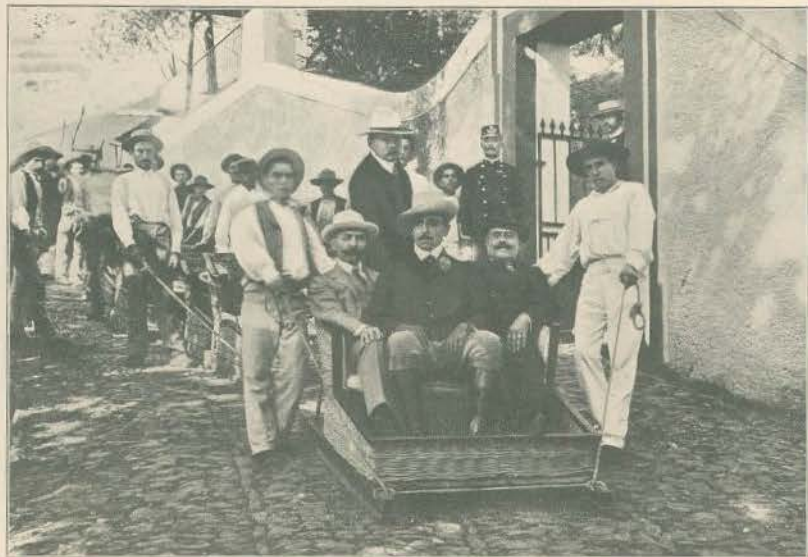
A SAHIDA DA FAMILIA REAL DAS EXEQUIAS REALISADAS POR ALMA DE D. LUIZ I. EM 19 DE OUTUBRO

UMA PARTIDA DE LAW-TENNIS NOS JARDINS DO SPORTING-CLUB DE CASCAES, NA QUAL TOMOU PARTE S. M. EL-REI. UM GRUPO DE SOCIOS ASSISTINDO AO JOGO

AS FLORES D'OUTOMNO — INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE CHRYSANTHEMOS NO PAVILHÃO DA REAL SOCIEDADE DE HORTICULTURA EM 25 D'OUTUBRO

UM ASPECTO DA ULTIMA REGATA D'AMADORES EM PEDROUÇOS, PROMOVIDA POR ALGUNS SOCIOS DO REAL CLUB NAVAL, E NA QUAL SAHIRAM VENCEDORAS AS CANOAS «AGUIA» E «YAE», AS ESPICHAS «LUZ DO DIA» E «ATHLETA» E O CATRAIO «SURPREZA»

UM GRUPO NO JARDIM DO VISCONDE DE CACONGO

PICO DO ARIEIRO. O BRINDE A S.S. M.M. POR OCCASIÃO DO ALMOÇO

COSTUMES MADEIRENSES—UMA CARRADA NO REGRESSO DA CAMACHA

A PARTIDA DE CASA DO VISCONDE DE CACONGO

MISSÃO DE ESTUDO DO PRINCIPE HOHENLOHE Á MADEIRA, PARA A FUNDAÇÃO D'UM SANATORIO

PHOTOGRAPHIA DE CAMACHO

EL-REI

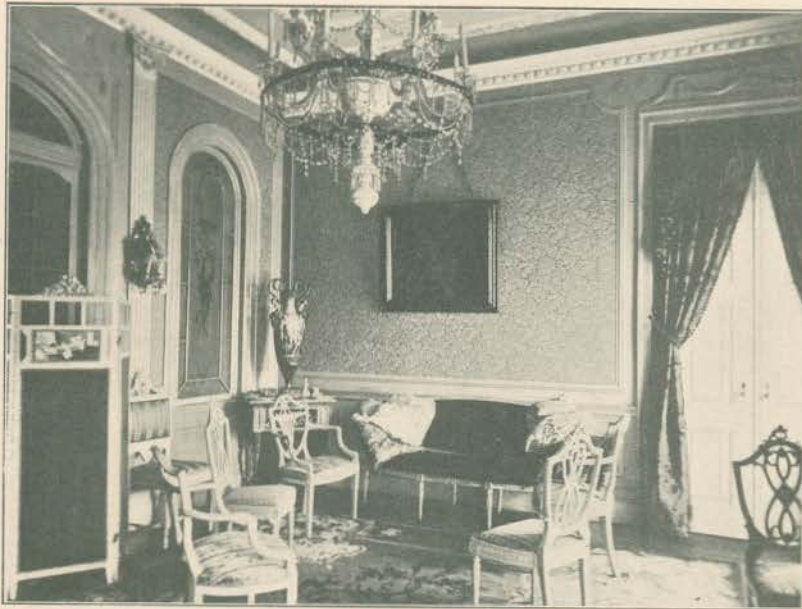
HABITAÇÕES ARTISTICAS

Digressões e visitas

A casa de Augusto Rosa

—E' preciso estimular o gosto do nosso publico, fazel-o sentir as provocantes bellezas de uma habitação confor-

A SALA

tavel, bem mobilada, com o seu imprescindivel travo artistico—dizia-nos um nosso amigo.

E proseguiu, narrando:

—Em Paris, o esconso de uma simples *concierge* tem mais luxo, talvez futilidades frageis de mobiliario, do que alguns palacios da nossa terra. A casa portugueza encerra apenas meia duzia de moveis avelhentados, resistindo, como imperceiveis reliquias, á devastadora e inclemente acção do tempo; nas paredes oleographias de equivoca intenção, e o restante são salões desertos, aridos desvãos, e, quando muito, um ou outro vaso onde cresce uma impertinente nespereira, o arbusto predilecto dos sotãos e das idyllicas aguas-furtadas.

«As predilecções por estylos antigos, pelo *bibelot*, sem referirmos já o vicio do *bric-à-brac*, nunca em Portugal floriram, áparte um ou outro cultor de requintado gosto, que tornou o seu lar um paraiso d'arte; um ou outro colleccionador de preciosidades raras; um ou outro egoista excentrico—segundo a denominação da turba—que vá diariamente organisando a decoração das suas salas, pelo prazer de se sentir maravilhado com tanta decoração, ou pela exhibitiva ancia de deslumbrar nas recepções.

Foi «para estimular o gosto do nosso publico», como dizia o nosso amigo, que iniciámos esta secção.

Digressões e visitas serão as nossas, pelas habitações artisticas que ainda ha em Portugal, pelos Museus e regios palacios, por toda a parte onde a deusa Arte tenha imposto o seu dominio e armado os seus arraiaes.

A primeira casa, magnifica installação, pomposamente artistica, que visitámos, foi alli no Campo de Sant'Anna, o palacete propriedade da casa Valmor, onde vivem o grande actor Augusto Rosa e sua esposa.

A nossa visita fez-se por uma manhã ennevoada, por uma d'estas frias manhãs de inverno, nebulosas e tristes. O palacete, de fachada pombalina, grave, abre para o Mercado. São horas de levantar a *feira*; e os vendilhões, sob os alpendres, n'uma festiva algazarra—de quem tem a tarefa d'aquelle dia terminada—vão fazendo as despedidas. Começam a emigrar ...

*

Abre-se o portão, e estamos no vestibulo de entrada. E logo nossos olhos defrontam com uma estatua em marmore, sobre a sua peanha alta, resaltando o harmonico da figura do fundo *grenat* d'um cortinado de velludo.

A' direita uma tela ampla, em que as duas figuras que a compõem teem um colorido impeccavel—escola de Rubens.

Analysamol-a: é uma mulher edosa, com marcados vestigios d'uma triumphal belleza no rosto, que começa a envelhecer. E ha na sua bocca toda em rugas o cauteloso ar de quem insinua a mentira. Uma camponia escuta-a, timida e envergonhada, e o seu perfil de rapariga pubere diz hesitação e desconfiança. De pé, sobre o relvedo d'um monte a pique, resulta da symphonia colorida do quadro esta sentença: um sim, e a rapariga despenha-se no abysmo, porque é a sua virgindade, a belleza palpitante do seu corpo que a velha ambiciona.

Mas prende-nos ainda a attenção a estatua.

Uma Deusa egypcia, que se exhibe núa, encobrindo parte do corpo com o emplumado casto d'uma aza. Manini viu a estatua no *atelier* do esculptor, Luigi Pagani, em Milão; e, quando entrando um dia em casa de Augusto Rosa viu essa figura ideal, julgou-a uma exacta reproducção. Augusto Rosa, que nos narrou o transe, explicou-nos:

—Enganára-se. Este é o original.

Proseguimos na visita. Galga-se uma pequena escada, e entra-se n'um corredor ensombrado n'uma penumbra melancolica. Na parede ha um *panneau* de Augusto Pina, e eis-nos n'um dos gabinetes do palacete. E' uma sala de conjuncto harmonico, triste de luz porque era triste o dia lá fóra, onde o grande actor portuguez tem algumas preciosidades d'um alto valor decorativo.

Perto da janella, n'um cavallete, um quadro da escola raphaelita: assumpto d'um mysticismo unctuoso. Lindo de côr, dir-se-hia um esmalte. Sob um docel—colcha da India pintada—o piano de cauda, um Erard, e pelas paredes pannos hollandezes, Luiz XV, tratando assumptos rusticos. Dois espelhos D. João V evocam-nos esse curioso periodo de seducção e de galanteio dissipadores. Talvez n'algum d'elles a Madre Paula tivesse composto os cachos da sua cabelleira negra de trigueira—em horas de dandysmo, em Odivellas.—Sobre um tremó—Luiz XV—preciosidades de Sèvres, Saxe e China, sem excessos de *bric-à-brac*; a sobriedade que valorisa e dá esse encantador tom de simplicidade. Contigua a esta, fica a sala de estudo do artista.

Alli surprehendemos as suas predilecções litterarias: livros de theatro, peças, diarios de artistas dramaticos; e, sobre a meza—um buffete magnifico que pertenceu a el-rei D. Fernando—as photographias de alguns celebrados actores e actrizes.

Sarah, n'uma photographia, trajando a veste no *Macbbet*, escreve, em dedicatoria: «En attendant une plus belle, avec toute amitié». Vico—o artista hespanhol—«inolvidable recuerdo de fraternal amistad a mi querido Augusto Rosa». Outros livros dispersos, e um original candieiro D. João V, cujo pé é rendado. Sobre o armario, ergue-se um busto em bronze, de Molière, «ce grand génie de France», e, em volta, outros retratos de artistas estrangeiros egualmente com dedicatorias.

Novelli escreve: «A Augusto Rosa, fraternamente». Duse: «A Augusto Rosa, ricordo.»

Sarah Bernhardt, cumprindo a sua promessa, offerece a sua esbeltez na *Princesse Lointaine*, de Rostand: «A Augusto Rosa, le grand artiste portugais, sa camarade française qui lui donne toute son amitié.» Zacconi: «Al grande attore Augusto Rosa, affectuosamente.» Jane Hading: Au grand Augusto Rosa, admiration et sympathie de sa camarade», Réjane: «A' mon illustre camarade et ami, souvenir affectueux.»

Fernando Diaz de Mendonza, o artista hespanhol, o marido da Guerrero, escrevera: «Al ilustre artista Augusto Rosa: el *otro* de los dos hombres mas simpathicos del mundo: recuerdo cariñoso de su buen amigo. Fernando Diaz de Mendonza.» E esse el *otro* indica a João Rosa. Por sua vez, a Guerrero offerece ao grande actor a seguinte dedicatoria: «Al grand artista y simpatiquissimo amigo Augusto Rosa. Maria Guerrero.» E por ultimo, o filho de Coquelin, muito ternamente: «A Mr. Augusto Rosa, son petit camarade qui espère se dire son grand ami. Jean Coquelin.»

Este gabinete tem duas janellas abrindo sobre o jardim, onde o artista cultiva lindos exemplares de chrysantemos, e onde, mal Março desponta, uma enorme trepadeira floresce em cachos de glycinia — um exemplar raro.

A SALA DE JANTAR

Defronte das janellas, no gabinete de estudo, que recorda toda uma vida artistica, as suas horas de triumpho e de consagração, ergue-se um alto armario hollandez, sobrio, com ferragens, e a portada abrindo por meio de um ferrolho caracteristico.

E aqui começa a surpreza de obras d'arte, a infinidade de quadros, a preciosa gamma das côres, recordações de familia, tudo com accentuado travo d'arte enlevada, acolhedora, provocante. Sobre uma cadeira estira-se uma casaca Luiz XVI, toda em bordaria fina e lantejoulada.

Mas façamos a narração dos quadros: Annunciação dá uma paizagem de perspectivas exactas, depois um quadro de Alfredo Keil, um outro de Jacque—que pertenceu á galeria Daupias, tendo ainda o seu numero—104—do catalogo do illustre colleccionador; duas cabeças de carneiro, de Annunciação; e um flagrante retrato de Rosa pae, de Tony Bergue, datado de 1854; Hadon dá uma *Lucta de gigantes*, e de surpreza colhemos uma bella impressão olhando um quadro antigo, de auctor desconhecido, representando o outomno—a vindima.

Augusto Rosa tem uma gravura Luiz XV representando a reproducção d'esse quadro, de inegualavel valia; mas, como o original, não tem a menor referencia ou assignatura.

No recanto de uma das janellas, sobre um contador de 1600 levanta-se uma *vitrine* e dentro d'ella, em moldura, para um retrato do artista no *Amigo Fritz*, a reproducção minuscula, em barro, pelo genio de Raphael Bordallo, das figuras principaes da vasta galeria de typos do theatro de Augusto Rosa: No *Cezar de Bazan*, no sargento da *Triste Viuvinha*, no Beltrão do *Alcacer Kibir*, no Simão Peres do *Affonso VI*, no judeu dos *Malhados*, no Alvaro Vaz d'Almada do *Regente* e no *raté* dos *Crucificados*. E essas figuretas como que se movem, vivem a personagem, agitam-se no grotesco dos seus typos, como o artista as interpretou no tablado.

Coquelin, depois de ter referido a sua admiração, dirigindo-se ao grande caricaturista, disse-lhe:

—Quero um egual... E' uma maravilha!...

Mas outros quadros decoram as paredes. E, assim, vemos um primoroso quadrinho com borboletas, de um delicioso colorido, original e extranho, de Van-K-Kessel; outra tela de Clara Peters, uma mancha-estudo, de Columbano; sobre um cavallete o retrato á penna, correctissimo de desenho—de Rosa pae, que o pintor Ramalho enviou para a *Illustração Moderna* de Marianno Pina e que o irmão do extincto chronista offereceu a Augusto e a João Rosa.

Mas outros artistas offerecem ao grande actor as mais lisongeiras referencias, como Coquelin: «A' mon ami», e Maria Favar, uma primeira actriz da Comedie Française, que representou, ainda com Mounet Souly, o theatro de Hugo e a tragedia grega, mas que sentindo-se envelhecer soube retirar-se a tempo: «Souvenir affectueux, et merci pour la charmante hospitalité.»

Outros quadros nos prendem a attenção: um quadro de paizagem de Silva Porto, dois curiosos desenhos, originaes de Grevin; uma aguarella de Annunciação: pela campina varrida de nortada, onde os velhos troncos bracejam, afflictivamente contorcionados, arrasta-se um cavallo misero, talvez como o da allegoria de Filinto. Le Faivre tem duas aguarellas tambem, sendo um primor de movimento e colorido: *Os borrachos*; algumas composições de Watteau gravadas por Moyreau, uma aguarella do scenographo Manini e um extranho pastel de Boucher, duas figuras dando de comer a um cysne, completam a decoração de uma das paredes. Innegavelmente, alli vive-se uma vida intensa d'arte, referida n'uma melodia extrema de colorido, no minimo pormenor, na mais delicada minucia.

AUGUSTO ROSA NO SEU JARDIM

Ornam o gabinete algumas cadeiras de couro, de espaldar alto, D. João V, um busto em marmore, aquilino perfil do Dante, cantor do maior Desespero, e sobre um outro contador de ferragens douradas dois *potish*, de Delpht.

Por sobre o formoso armario negro, hollandez, um retrato: Lupi firma-o. Augusto Rosa, o artista, ainda imberbe, na sua mocidade promissora, e que tão gloriosamente fructificou.

Ha ainda dois medalhões, um do grande tragico italiano Rossi, moldado por Rosa pae, e o d'este por Victor Bastos. Este ultimo medalhão foi offerecido áquelle artista por um grupo de admiradores, artistas tambem, ainda que de outras profissões: Christino, José Rodrigues, Annunciação, Sousa, J. A. Marques e Metrass.

E', pois, n'este gabinete, tudo o attesta, que Augusto Rosa trabalha, onde vive a sua intensa vida de actor, cuidando da personagem que lhe foi entregue, alli, n'aquella intimidade amiga, onde não chegam gritos de colera, nem fremitos d'ambições, onde o menor objecto refere uma saudade intensa, recorda um periodo extincto, n'essa suggestiva vida das coisas, que odio algum macula, que interesse algum desperta. Alli, espirito tranquillo, pensa e reflecte os typos a crear, as inflexões, os gestos, desde o surgir da personagem até á synthese perfeita e completa de uma creatura viva e autonoma.

Os minimos transes da vida artistica alli se compillam e reunem, e n'uma dolorosa evocação surgem figuras extinctas, mortos illustres, noites de jubilo, tal a intensidade enternecida que cada objecto recorda e integra.

E' ainda o artista, em todas as expressões da sua vida, do seu sentimento, no collocar d'um jarrão, no agrupamento dos quadros, na disposição de uma estatueta.

Mas Augusto Rosa arranca-nos á nossa extasiada contemplação, e outras salas excitam a nossa curiosidade.

Agora é um salão Luiz XVI, todo em seda amarella e azul, e um quadro attribuido a Rubens, onde uma esplendente figura de mulher, na linha sensual e quente do dorso, fixa uma encantadora attitude. O quadro *As nymphas despindo Calyxto* é uma repetição d'outro que existe no Museu de Madrid.

E Augusto Rosa diz-nos:

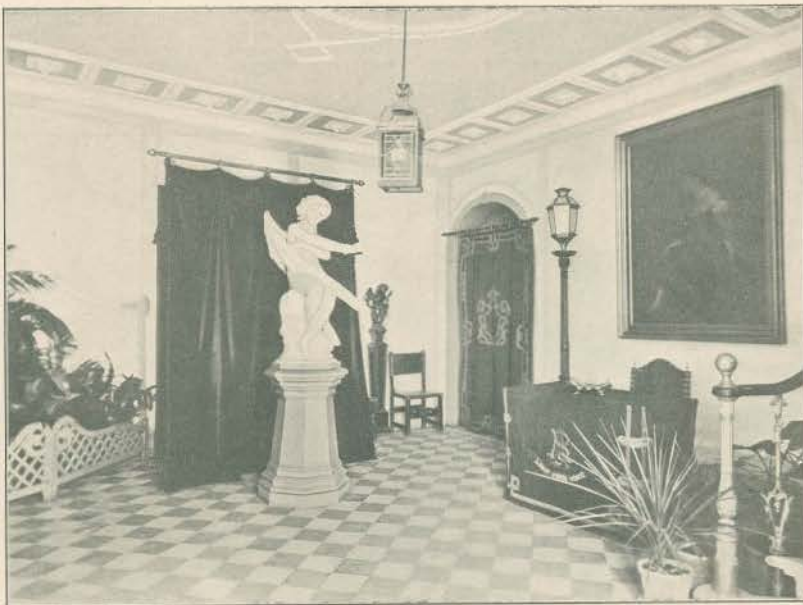
—Tenho-o como sendo de Rubens. Meu pae assim o julgava tambem...

Sobre o fogão, entre as janellas, dois candelabros de prata, da epoca, e um relogio de marmore com ferragens de oiro, sobre o qual ha o busto de Luiz XVI. Ainda potes do Japão, cannelados, que pertenceram á collecção do amador Machado d'Eça. Um jarrão—majolica italiana—completa, com um biombo delicado e leve, a decoração da sala.

A sala de jantar, com o seu rodapé alto de madeira, é outro precioso recanto do lar do actor portuguez. Magnificas cadeiras de sola, e um armario de pau santo, pesado mas elegante, pertencente outr'ora ao convento de Santa Joanna, serve de guarda louça. N'uma das paredes suspende-se um quadro de Salvador Rosa, que é o encanto de todos os que teem a honra de visitar a casa de Augusto Rosa. Ainda algumas faianças italianas, e, abrindo-se uma porta lateral, está-se no quarto de cama do artista.

O leito é uma valiosa recordação historica, que pertenceu a um dos bastardos de D. João V—ao cardeal D. Gaspar, arcebispo de Braga. Na cabeceira do leito estão entalhados uma corôa real e o barrete cardinalicio.

E o nosso espirito evoca esse periodo de mysticismo e

A LEITURA DO «SECULO»

UMA ANTECAMARA

de libertinagens: D. Gaspar, filho de D. João V e d'uma freira d'Odivellas, Margarida Maxima, prendendo a historia biographica d'este bastardo com a de seus irmãos, os *Meninos de Palhavã*: D. Antonio e D. José — o inquisidor, filho da Madre Paula. Periodo todo decalcado no luxo da côrte de Luiz XIV, em Versailles, no Petit

ROSA NO SEU GABINETE DE TRABALHO

Trianon; a Madre Paula, altiva e triumphante como a Montespan, o prestigio, a dissimulação, a vagabundagem nocturna do pateo da Comedia para as alfurjas de Bemfica, o amor, as traições, os duellos, os outeiros, a graça devota...

E de novo o nosso pensamento deriva de rumo, e apenas nos fica no espirito, ao transpôr o portão do palacete onde Augusto Rosa e sua esposa vivem, que a alegria, a paz abençoada alli moram, accentuadas em todos os disvelles da arte, por aquellas salas confortaveis onde transparece o senso raro de um artista eleito e o bom gosto e o elevado espirito de uma senhora cujos primores de educação estão flagrantemente documentados.

Aquelle *interior* de artista é talvez a melhor autobiographia de Augusto Rosa: o seu grande talento, o seu raro senso esthetico, o seu caracter exhibem-se fulgurantemente.

SANTOS TAVARES.

A NOVA VEREAÇÃO DE LISBOA

ELEITA NO 1.º DE NOVEMBRO

CONSELHEIRO DR. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO (presidente)

CONDE DE BESTELLO

SABINO DE SOUSA

SABINO COELHO

THEODORO PINTO BASTOS

JOÃO FERREIRA DA SILVA

CONSELHEIRO HENRIQUE MATHEUS DOS SANTOS

CONSELHEIRO CARLOS DE CARVALHO PESSOA

VICTORINO VAZ JUNIOR

JOSÉ DA COSTA BELLO

AUGUSTO CLARO DA RICCA

PARIS — A PARTIDA DO REI D'ITALIA — O ABRAÇO DE DESPEDIDA TROCADO COM MR. LOUBET NA «GARE» DOS INVALIDOS

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

I

Outra vez no mar.—Os peregrinos todos bem.—O majestoso Stromboli.—A Sicilia ao luar.—Scylla e Charybdes.—Falha o Oraculo.—A sua receita para a parallaxe horisontal.—Costeando as ilhas da Grecia.—A antiga Athenas.—Encerrados de quarentena, é negada a permissão de entrar.—Rompeu-se o bloqueio.—Uma aventura incruenta á meia noite.—Necessidade de nos desviar dos ladrões.—Tentativa de arrebatar a Acropole no meio da tempestade.—Não vinga o proposito.—Entre as glorias do passado.—Um mundo de esculptura em ruinas.—Visão encantadora.—Logares famosos.—Retirada em boa ordem.—Presos pelos guardas.—De jornada com apparato militar.—A salvamento. De novo a bordo.

Cá estamos novamente! Pela primeira vez depois de muitas semanas, toda a familia do navio se encontrou e apertou as mãos no castello da próa. Tinham para ali vindo de muitos pontos do espaço e de muitas terras, mas não faltava ninguem; entre todos os companheiros não se referia nenhum caso de doença ou de morte, que viesse aguar o prazer da reunião. Mais uma vez estavam todos juntos no convez para escutarem a cantilena da marinhagem no momento de levantar ferro e de acenar um adeus á terra, quando largavamos de Napoles. A' mesa do jantar os logares estavam todos occupados, as partidas de dominó completas, e á noite a vida e o bulicio no tombadilho, á linda luz do luar, eram semelhantes aos dos tempos antigos—tempos antigos que tinham passado havia semanas apenas, mas semanas tão cheias de incidentes, de aventuras e de excitação que pareciam quasi como se fossem annos. Não faltava alegria a bordo do *Quaker City*. D'esta vez, o seu nome era um nome errado.

A's sete da noite, estando o horisonte occidental todo afogueado por ser já sol posto, marcando pontos negros os navios distantes, a lua cheia correndo sobre as nossas cabeças, o azul escuro do mar sob os nossos pés, e um extranho crepusculo matizado por todas essas claridades e côres differentes, que nos rodeavam, os nossos olhos avistaram o soberbo Stromboli. Com que majestade o monarcha erguia a sua fronte solitaria sobre o nivel das aguas! Envolvia-o a distancia um fulgor purpureo, e tinha um véo de nevoa, que de tal maneira amaciava as suas asperas feições que nos pareceu vê-lo atravez de um tecido de gaze de prata. O seu facho estava extincto, e sopitados os seus fogos; uma alta columna de fogo que se levantava e perdia no luar que ia augmentando era o unico signal que dava de ser o vivo autocrata do mar e não o espectro de um já morto.

A's duas horas da noite, passámos rapidamente o estreito de Messina, e o luar era tão brilhante que a Italia de um lado e a Sicilia do outro nos pareceram quasi tão distinctamente visiveis como se as contemplassemos do meio de uma rua que fossemos atravessando. A cidade de Messina, branca de neve, e toda estrellada e abrilhantada das luzes de gaz, era um bello espectaculo. Uma grande parte dos nossos estava sobre o convez fumando e fazendo barulho, á espera de ver o famigerado Scylla e Charybdes. E logo o Oraculo se apresentou com o seu eterno oculo de ver ao longe, surgindo no convez, qual outro Colosso de Rhodes. Foi uma surpreza vê-lo cá por fóra a taes horas. Ninguem suppunha que elle se importasse alguma cousa com uma antiga fabula, como a de Scylla e Charybdes. Um dos rapazes disse-lhe:

—Olá, doutor, que fazeis por aqui levantado a esta hora da noite? Que vos importa ver este logar?

—Que me importa ver este logar? Mancebo, pouco me conheceis, se não tal pergunta me não farieis. Desejo ver todos os logares mencionados na Biblia.

—Tolice—este logar não vem mencionado na Biblia.

—Não vem mencionado na Biblia!—Serio? Pois bem, então que logar vem a ser, visto que sabeis tanto d'elle?

—Ora, é Scylla e Charybdes.

—Scylla e Cha... — que confusão a minha! Pensava que era Sodoma e Gomorra.

Metteu o oculo no estojo e foi para baixo. Essa versão é a de bordo. A sua plausibilidade é um tanto destruida pelo facto de que o Oraculo não era um ledor da Biblia, e não empregava muito do seu tempo em se instruir das localidades das Escripturas. Dizem que o Oraculo se queixa, com este tempo quente, de que a unica bebida supportavel que ha a bordo é a manteiga. E' claro que elle não allude á manteiga, mas como ella, agora que não temos gelo, permanece em estado de dissolução, faz gosto attribuir-lhe um dito acertado, seja porque fôr, uma vez na sua vida. Disse elle, em Roma, que o Papa era um ancião venerando, mas que não cuidava muito da sua Iliada.

De profissão o Oraculo é charlatão; e, por consequencia, uma illimitada ignorancia constitue o seu mais valioso dote. Visto elle não saber nada, mas pretender saber tudo, não é raro a bordo propor-lhe questões difficeis para ver a serenidade com que elle procederá para as resolver. O outro dia o pequeno Harry, filho do capitão, topou a phrase *parallaxe horisontal* no decurso dos seus estudos de nautica. Pareceu-lhe que seria um bom assumpto para o Oraculo. E foi ter com elle e disse-lhe:

—Doutor, o que é bom para uma parallaxe horisontal?

—Parallá... lá—O quê?

—Parallaxe horisontal. Um dos marinheiros do castello de próa apanhou-a, e está muito mal.

—Parallaxe horisontal — (esfregando a cabeça) — parallaxe horisontal. Olha lá, Harry, para que diabo me vens cá apoquentar com os teus marinheiros do castello de próa? Eu não tenho nada que ver com elles. Porque te não agarras ao medico do navio?—E' a *sua* obrigação.

—Não ha duvida; mas estive com elle e elle diz que não sabe coisa nenhuma a esse respeito.

—Hem, calcúlo que é isso. Calcúlo que é isso. Sempre de uma banda para outra, por todo o navio, a criticar os que lhe são superiores—escarnecendo de quem a dormir sabe mais do que elle acordado—Parallá... lá—Harry, eu te digo o que has de fazer. Pegas em ti e vaes dar a essa creatura quatro colheres, das de sopa, cheias de laudano, para elle dormir, e pespega-lhe nas costas um emplasto de mostarda, do tamanho de um sellim, para elle despertar, e calcúlo que lhe ha de fazer bem. *Actividade* —a idéa é essa. Actividade. O homem tem prisão do sangue, e o que elle precisa é de alguma coisa que o esperte e o leve arriba! Nada de perder tempo, Harry. Dá-lhes para baixo nas parallaxes horisontaes, que ellas hão de sempre aquecer um filho de Deus, quando a sazão lhes seja propicia.

Passámos um dia aprazivel, costeando as ilhas da Grecia, muito montanhosas, cuja côr dominante é o cinzento e o castanho, tirante a vermelho. Pequenas aldeias brancas, cercadas de arvoredo, sumidas nos valles, ou empoleiradas nos altos rochedos perpendiculares.

Tivemos um rico pôr do sol—uma bella côr acarminada que tingiu o céo occidental e arremessou até lá muito longe no mar um brilho rubro.—Um lindo pôr do sol parece raro n'esta parte do mundo—ou, pelo menos, notavel. E' meigo, sensual, amoravel—exquisito, requintado, effeminado, mas não vimos ainda aqui nenhum que se assemelhe ao esplendoroso incendio que flammeja na esteira do sol, quando elle se afunda nas altas latitudes septentrionaes.

Mas o que valia para nós o pôr do sol, com a forte excitação que sentiamos de nos approximar das mais formosas cidades! Que se nos dava de visões exteriores, quando Agamemnon, Achilles e mil outros heroes do grande passado deslisavam n'uma procissão phantastica atravez da nossa imaginação? Que nos importava o pôr do sol, a nós, que estavamos proximos de viver, respirar e andar na Athenas da actualidade; sim, e remontar longe nos seculos decorridos, e invocar os escravos, Diogenes e Platão, na praça publica do mercado, ou conversar com outrem a respeito do cerco de Troia ou dos esplendidos feitos de Marathona? Rimo-nos de pensar no pôr do sol.

Chegámos e entrámos finalmente no antigo porto do Pireu. Deitámos ferro a meia milha de distancia da aldeia. Muito além, atravez da ondulante planicie da Attica, podia vêr-se um pequeno outeiro, com uma esplanada no alto, e sobre ella alguma cousa que os nossos oculos em breve descobriram ser os edificios arruinados da cidadella dos athenienses, e, sobresahindo entre elles, avultava o veneravel Parthenon. Tão excepcionalmente clara e pura é esta atmosphera que todas as columnas da nobre estructura se distinguiam com o oculo, e até as ruinas mais pequenas que lhe estão em volta assumiam alguma semelhança de fórma. Isto a distancia de cinco ou seis milhas. No valle, perto da Acropole (o outeiro com uma esplanada no alto, de que acima falámos) a propria Athenas vagamente se podia aperceber com um oculo ordinario. Todos estavamos anciosos para saltar em terra e visitar esses logares classicos o mais depressa possivel. Terra nenhuma que tivessemos visto até então despertara nos passageiros um interesse tão universal.

Receberam-se, porém, noticias más. O commandante do Pireu chegou n'um escaler e disse que ou deviamos partir ou então sahir do porto e ficar encerrados no nosso

navio, debaixo de rigorosa quarentena, por espaço de onze dias! De maneira que levantámos ferro, e fomos para fóra, para ficar doze horas, pouco mais ou menos, a receber mantimentos, e partir depois para Constantinopla. Foi o mais amargo desengano que jámais experimentámos. Permanecer um dia inteiro á vista da Acropole, e, todavia, ser obrigado a sahir sem visitar Athenas! Desengano ainda não é termo bastante significativo para descrever a situação.

No convez, durante toda a tarde, havia em todas as mãos livros, mappas e oculos, que tentavam marcar onde era a Acropole, o Pnyx, o Museu e outros monumentos. Recolhemos dados confusos. A discussão tornou-se acalorada, e a companhia deu largas ao espirito. Ecclesiasticos pasmavam de commoção deante de um monte que elles diziam ser o mesmo d'onde S. Paulo prégou, emquanto outra secção pretendia que aquelle monte era o Hymetto, e outra que era o Pentelico! Passada aquella baralha, só pudemos ficar seguros de uma cousa—o outeiro com a esplanada no alto era a Acropole, e a grandiosa ruina que o coroava era o Parthenon, cujo desenho todos vimos na infancia nos livros escolares.

Perguntavamos a todos os que se approximavam do navio se havia guardas no Pireu, se as suas ordens eram muito apertadas, e que probabilidades haveria de captura se qualquer de nós se escapulisse para terra, e no caso de se arriscar a isso e fosse preso, o que seria provavel que nos succedesse. As respostas foram desanimadoras—havia uma guarda ou força de policia importante; o Pireu era uma cidade pequena, e qualquer estrangeiro que lá fosse visto despertaria sem duvida a attenção:—a captura era certa. O commandante disse que o castigo seria «pesado»; sendo inquirido «pesado até que ponto?» respondeu que seria «muito severo»—foi tudo o que pudemos tirar d'elle.

A's onze horas da noite, quando a maior parte da gente a bordo estava recolhida, quatro de nós safámo-nos suavemente para terra n'um pequeno escaler, favorecidos na nossa empreza por uma lua entre nuvens, e partimos dois a dois, muito separados uns dos outros, por sobre um pequeno outeiro, com o fito de irmos de roda do Pireu, para ficarmos fora do alcance da policia. Abrindo o nosso caminho tão furtivamente sobre aquella eminencia rochosa e cheia de ortigas, salteou-me a impressão muito forte de que ia de alguma maneira furtar qualquer cousa. O meu proximo camarada e eu falámos em voz baixa ácêrca das leis da quarentena e das suas penas, mas não achámos nada agradavel este assumpto. Eu estava decidido. Poucos dias antes, conversando com o capitão, havia-me este referido o caso de um homem que nadou para terra de um navio que estava de quarentena não sei onde, e esteve preso durante seis mezes. Tambem me disse que, achando-se em Genova, ha alguns annos, o capitão de um navio em quarentena dirigiu-se no seu escaler a uma embarcação que sahia e já estava afastada do porto, e entregou uma carta para ser levada á sua familia; as auctoridades retiveram-no por esse motivo tres mezes na cadeia, e depois mandaram-no no seu navio pelo mar fóra, e avisaram-no de que nunca mais em sua vida se apresentasse n'aquelle porto. Este genero de conversação não fazia bem, além de dar um triste interesse á nossa expedição com rompimento de quarentena, e por isso a deixámos. Demos a volta inteira á cidade, sem ver alma viva, a não ser um homem que nos mirou com curiosidade, mas não disse nada, e estendidas a dormir no chão deante das portas umas doze pessoas, por entre as quaes andámos sem ellas acordarem—mas acordámos bastantes cães, verdade seja—tinhamos sempre um ou dois a ladrar-nos aos calcanhares, e por diversas occasiões chegámos a contar dez e doze de uma vez. Faziam tamanha bulha que algumas pessoas de bordo do nosso navio disseram que haviam podido seguir a direcção que tomavamos e dizer onde iamos pelo ladrar dos cães. A lua entre nuvens favoreceu-nos sempre. Quando tinhamos dado a volta inteira, e passavamos por entre as casas no extremo da cidade, a lua brilhou com muito esplendor, mas então já não nos arreceavamos da claridade. Ao approximarmo-nos de um poço, perto de uma casa, para bebermos uma gotta de agua, o dono relanceou a vista por nós, e recolheu-se, deixando á nossa disposição a tranquilla cidade adormecida. Aqui o registo com orgulho, sem comtudo ter feito nada para isso.

Não descortinando caminho nenhum, tomámos um alto monte á esquerda da distante Acropole por marco, e encaminhámo-nos em direitura para elle por cima de todos os obstaculos, e sobre um pequeno tracto de terreno mais escabroso do que existe em qualquer parte para além do Estado de Nevada, talvez. Parte do caminho estava coberto de seixos soltos—pisámos seis de uma vez e todos rolavam. Outra parte d'elle era terra resequida, solta, lavrada de fresco. Ainda outra parte era uma longa extensão de vinhas rasteiras, entrançadas e incommodas, que nós tomámos por armadilhas. A planicie attica, pondo de parte as vinhas, era deserto esteril, triste, sem nenhuma poesia. Pasmo do que seria nos aureos tempos da Grecia, quinhentos annos antes de Christo!

Cerca da uma hora da madrugada, quando estavamos quentes por termos caminhado depressa, e mortos de sêde, Dionysio exclamou:—Olá! estas plantas são vinhas!—e não eram passados cinco minutos já nós tinhamos uns vinte cachos de uvas gradas, brancas, deliciosas, e nos estavamos abaixando em cata de mais, quando um vulto negro surgiu mysteriosamente d'entre as sombras e disse:

—Olá!—D'esta sorte nos retirámos.

D'ahi a dez minutos iamos por uma bella estrada, e ao revez de algumas outras em que tinhamos tropeçado com intervallos, seguia em linha recta. Fomos por ella adeante. Era larga, macia e branca—bonita e em bom reparo, e sombreada de um e de outro lado com filas de arvores e tambem com luxuriantes vinhas. Por duas vezes entrámos e furtámos uvas, mas, da segunda vez, alguem de algum ponto invisivel disparou contra nós um tiro. Pelo que nos retirámos. E não quizemos mais saber de uvas d'aquelle lado de Athenas.

Dentro em pouco esbarrámos com um antigo aqueducto de pedra, construido sobre arcos, e d'ahi por deante não tivemos em torno de nós senão ruinas. Tocavamos o termo da nossa jornada. Agora não podiamos ver a Acropole nem o alto monte, e eu precisava de ir pela estrada até me achar em frente d'elles, mas os outros dominavam-me, e nós estafámo-nos a subir o pedregoso outeiro que estava mesmo defronte de nós—e do seu cume vimos outro—galgámo-lo e avistámos outro! Foi uma hora de trabalho exhaustivo. Em breve fomos dar com uma correnteza de sepulturas abertas, cortadas na rocha firme—(durante algum tempo uma d'ellas serviu de carcere de Socrates)—passámos em volta do hombro do monte, e a cidadella, em toda a sua arruinada magnificencia, se patenteou por cima de nós! Apressámo-nos a atravessar o barranco, subindo por um caminho tortuoso e quedámo-nos na velha Acropole, com as prodigiosas muralhas da cidadella a pompearem sobre nossas cabeças. Não nos detivemos a examinar os seus cepos massiços de marmore, nem a medir a altura d'elles, nem a observar a sua espessura, mas passámos immediatamente por uma extensa arcada, semelhante a um tunnel de caminhos de ferro, e fomos direitos á porta que dá entrada para os antigos templos. Estava fechada! Por maneira que, ao cabo de contas, pareceu que não nos era dado ver o grande Parthenon face a face! Torneando um angulo da muralha, deparou-se-nos um bastião baixo—de oito pés de altura para a banda de fóra—de dez ou doze para dentro. Dionysio preparou-se para o escalar, e estavamos promptos para o seguir. A poder de trepar com muita difficuldade, attingiu elle finalmente o cimo, mas algumas pedras soltaram-se e cahiram com estrondo no recinto interior. Houve immediatamente um bater de portas e ouviu-se um tiro. Dionysio desprendeu-se da muralha n'um apice e retirámos em desordem para a porta. Xerxes tomou essa formidavel cidadella quatrocentos e oitenta annos antes de Christo, quando os seus cinco milhões de soldados e combatentes o acompanharam á Grecia, e, se nós, quatro bandidos, pudessemos estar mais cinco minutos sem nos molestarem, tel-a-hiamos tomado tambem.

A guarda tinha sahido—quatro gregos. Gritámos á porta, e elles receberam-nos. (Suborno e corrupção.)

Atravessámos um vasto pateo, entrámos uma grande porta, e achámo-nos sobre um pavimento do mais puro marmore branco, profundamente gasto pelas passadas. Deante de nós, ao resplendente luar, erguiam-se as mais nobres ruinas que jámais contemplámos—os Prophyleus; um pequeno templo de Minerva; o templo de Hercules, e o grande Parthenon. Estes edificios foram todos construidos do mais branco marmore pentelico, mas agora teem uma pequena nodoa côr de rosa. Todavia, onde qualquer parte está partida, a fractura dá a lembrar fino assucar em pedra. Seis cariatides ou mulheres de pedra, envoltas em vestes escorridas, sustentam o portico do templo de Hercules, mas os porticos e as columnatas das outras construcções são compostas de massiços pilares doricos e jonicos, cujas estrias e capiteis estão ainda razoavelmente perfeitos, apesar dos seculos que lhes teem passado por cima e os cêrcos que teem aturado. O Parthenon, primitivamente, tinha duzentos e vinte e seis pés de comprimento, cem de largura e setenta de altura, havia n'elle duas filas de grandes columnas, oito em cada, na extremidade de uma e de outra, e simples fileiras de dezesete por cada um dos lados abaixo, e era dos mais airosos e bellos edificios que jamais se erigiu.

Ainda está de pé a maior parte das imponentes columnas do Parthenon, mas o tecto desappareceu. Estava completo, ha duzentos e cincoenta annos, quando uma bomba cahiu no deposito veneziano que lá havia, e a explosão que se seguiu arruinou-o e levou-lhe o tecto. Pouco me recordo do Parthenon, e apresentei um ou dois factos e desenhos para uso de outras pessoas, com breves memorias.

Quando caminhavamos meditativos ao longo do pavimento d'esse templo majestoso, o scenario que nos rodeava era extraordinariamente commovedor. Aqui e alli, e em extravagante profusão, havia deslumbrantes estatuas de homens e de mulheres, apoiadas contra pedaços de marmore, umas sem braços, outras sem pernas, outras sem cabeça—mas todas com triste aspecto ao luar, e notavelmente humanas! Erguiam-se e encaravam de todos os lados no intruso da meia noite—fitavam-no com olhos de pedra, de recantos e recessos desapercebidos; miravam-no de cima de montões de fragmentos pelos tristes corredores adeante; impediam-lhe o caminho no meio do forum, e do sagrado templo lhe indicavam com os braços sem mãos por onde devia ir; e atravez do templo sem tecto a luz espreitava cá para baixo, e unia o pavimento e sombreava os dispersos fragmentos e as estatuas partidas com as sombras obliquas das columnas.

(Continúa.)

BARÃO DO JARDIM DO MAR
Fallecido em 21 de outubro

MÃE DO EX.^{MO} SR. CONSELHEIRO CAMPOS HENRIQUES
Fallecida em 21 d'outubro

CARLOS JORGE
Antigo famulo da nunciatura, fallecido em 21 de outubro

ENGENHEIRO HENRIQUE HOWELL
Fallecido em 21 de outubro

CHRONICA MUNDANA

L'ennui naquit un jour de l'uniformité; a esta maxima poderiamos oppôr que, se *elle* nasceu da uniformidade, é provavel que esteja agora bem morto, porque nunca a diversidade se impoz tanto como actualmente, em todos os elementos de luxo e de elegancia, mórmente no que respeita á *toilette* feminina.

Varias reflexões nos acodem ao espirito, pensando no merecimento que tinham as nossas avós em parecer bem, n'aquelles singelos tempos em que a moda era *uma*, unica e exclusiva, para velhas e moças, altas e baixas, morenas ou alvas; em que os cabellos lisos e chatos, os rostos frescos e juvenis desappareciam debaixo de enormes chapeus com abas em forma de tunnel; em que os bustos se retezavam em corpetes insólitos e tudo se tapava, finalmente, com um capote até ao tornozello, altura normal do vestido!

E, comtudo, são as modas de 1830 que em parte vemos resaltar na *silhouette* moderna, mas modificadas, alteradas, variadas com toda a phantasia, o requinte e por vezes a excentricidade da arte moderna.

Para os moralistas o luxo é fonte de desgraça, de perdição e de ruina: assim será, desde o momento em que se tenha a insensatez de querer viver no torvelinho das elegancias e divertimentos sem calculo nem equilibrio: encarando, porém, a medalha por outra face, podemos consideral-o como um *derivativo* para os cofres plethoricos dos millionarios, e pensar que, para satisfazer os appetites e as extravagancias d'esses reis do ouro, se criam e alimentam muitas artes e industrias de que vivem milhares de operarios.

FIGURA 3

Mas entremos no assumpto da nossa chronica e penetremos ao acaso n'um salão elegante, em noite de baile; começa por deslumbrar-nos a decoração, totalmente isenta das velhas formulas rigidas, pautadas e correctas; os moveis são differentes de forma e de côr; os lustres bannes, as placas symetricas são substituidas por centenas de lampadas electricas, que fulgem como estrellas multicores por entre massiços de fetos, avencas, palmeiras, azáleas, orchideas e rosas; a atroadora orchestra ou o estafado piano desappareceram, para dar logar aos primorosos sextettos, tão suggestivos e harmoniosos, que nos convidam docemente ao revoltear das valsas! As mulheres, rainhas d'essas festas, estão alli no seu elemento. Algumas com os seus perfis de deusas, feições puras e classicas, cabellos ondeados e escuros, apparecem envoltas em sedas preciosas, cujos tons quentes de ambar e rubim se harmonisam com as suas magestosas figuras; outras, finas como estatuetas de Saxe, de rostos frescos, emmoldurados n'uma aureola de cabellos de ouro, volteam entre nuvens de gaze, tulle e rendas, parecendo tomar o vôo para regiões ethereas. As menos jovens, opulentas nos seus vestidos de velludo escuro e grandes cabeções de rendas antigas, fazem-nos lembrar os preciosos retratos de Van-Dyck, Rembrandt e Velasquez.

FIGURA 2

Os decotes são baixissimos; as mangas só começam abaixo do hombro e o corpo mantem-se na posição devida por meio de fitas ou flores formando *bretelles*; as mangas curtas estão um tanto em desuso; algumas teem em cima uma *draperie*, que termina por um *bouffant* enorme na altura do cotovelo, outras são lisas e abertas em dois bicos, semelhando azas; a gaze *miron*, o *voile* de seda e o *tulle-pailletté* de lantejoulas em celluloide com reflexos de madreperola são a ultima palavra de elegancia para os vestidos transparentes.

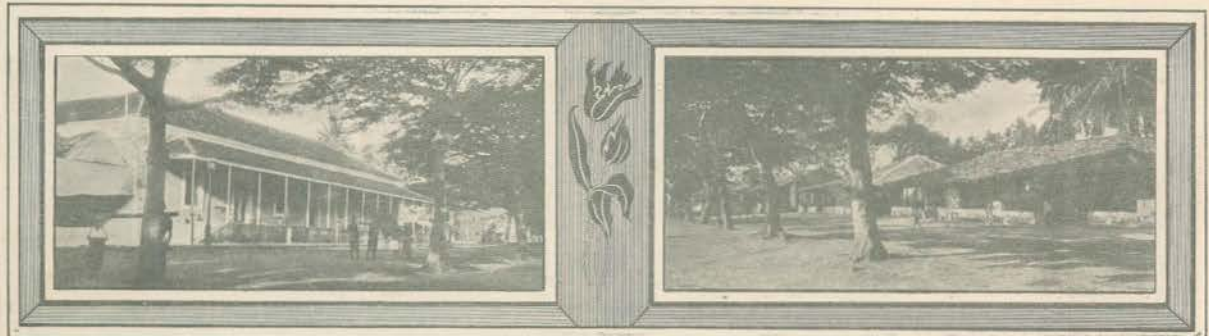
Nas sedas pesadas tem a primasia o riquissimo setim de Genova, com flores de velludo sombreado, recamadas de brilhantes.

Escusado será dizer que as joias antigas, assim como as modernas, tão ricas e artisticas, são o accessorio obrigado de tão sumptuosas *toilettes*.

FIGURA 1

FIG. 1.— Vestido de *tulle* branco, bordado a espigas de ouro e medalhões de renda preta em forma de plumas; *draperies* de mangas em *mousseline* de seda preta; fundo da *toilette* em seda verde pallido.

FIG. 2.—Vestido de baile em *tulle* rosa bordado de *paillettes nacrées* e perolas; ramos de rosas e ruches côr de rosa.

FIG. 3.—Vestido de baile, em setim de Genova, preto, com ramos sombreados de diversas côres e *paillettes* pretas *irisées*. Grande cabeção *Berthe* em *Point d'Angleterre*.

O MERCADO GERAL DE QUELIMANE — UMA FEITORIA NO INTERIOR DE QUELIMANE